

# Emprego para todos é a solução

13 NOV 1991

CORREIO BRAZIL

PF  
Ben Abraham

A atual crise que afeta o nosso País não é um mal incurável. O repasse das altas de juros pelas instituições financeiras, que afeta a maior parte das empresas, é uma medida planejada com a finalidade de manter a inflação sob controle, reduzindo-a gradativamente. Uma política sábia se não fosse acompanhada de uma certa recessão. As medidas adotadas para "enxugar dinheiro" lembram o médico que, receitando uma rígida dieta aos seus pacientes com úlcera ou diabetes, recomendava que o ideal seria não comerem nada...

Do ponto de vista teórico, é o melhor processo para curar o doente, porém na prática, a maioria abandona, ou pelo menos não obedece rigorosamente à dieta e... continua viva.

Os preços de mercado obedecem à lei da oferta e da procura e, como a recessão provoca artificialmente a falta de dinheiro, este método tem por objetivo conter o aumento dos preços. Todavia, quando se trata de gêneros de primeira necessidade, notadamente alimentícios, nenhuma recessão, por mais drástica que seja, é capaz de controlar os preços, a não ser às custas da fome e da miséria.

Em 1929 teve início nos Estados Unidos a grande crise econômica que perdurou por quatro anos. Esta depressão foi de fato provocada pela política de monopólio que, elevando os preços dos seus produtos, restringiu a venda dos objetos de consumo. Desta maneira, as indústrias foram



levadas à subprodução e, consequentemente, à dependência, cada vez maior, dos financiamentos externos. Os bancos, por estarem com suas reservas esgotadas, aumentaram as taxas de juros, exigindo ainda dos seus credores maiores garantias.

Este procedimento, além de servir como freio à produção industrial, provocou o fechamento de muitas empresas. Elevava assim, a taxa de desemprego que chegando acima dos limites toleráveis, acionou um círculo vicioso que consistiu na maior redução de compras de bens de consumo, menor arrecadação, desemprego em massa e maiores dificuldades para os bancos reaverem seus empréstimos.

Traçando um paralelo, na atual situação, o melhor remédio a nosso ver seria inverter o círculo vicioso. O primeiro passo neste sentido, seria a abertura pelo Governo de frentes de trabalho com obras necessárias para o desenvolvimento do País, notadamente na agricultura. A construção de novas estradas — de preferência ferrovias — e silos absorveriam toda mão-de-obra disponível, nem que fosse ao preço de uma maior inflação momentânea. Esse procedimento é

preferível do que o desespero e fome para milhões de desempregados e suas famílias, além do perigo de uma explosão social, que a atual situação oferece.

Os dividendos desta gigantesca aplicação não demorariam. O Brasil, com suas dimensões continentais, com o clima favorável e milhões de quilômetros quadrados de terras férteis, até então abandonadas, pode tornar-se um celeiro do mundo, cuja população cresce numa proporção geométrica e está, cada vez mais, dependendo de novas fontes de alimentação. Assim, preparando uma boa infra-estrutura para a exploração eficiente, adequada e planejada da agricultura e pecuária; proporcionariam ao nosso País, ao lado das exportações já existentes, as divisas necessárias para sanar seus compromissos, reduzindo gradativamente a inflação e, a médio prazo transformar o dinheiro nacional em uma moeda forte, confiável e internacionalmente reconhecida.

A situação da Alemanha e do Japão, após a Segunda Guerra Mundial, foi muito mais difícil. Suas cidades e indústrias foram destruídas, sobrando para os cuidados da assistência social milhões de inválidos, viúvas e órfãos para sustentar. Entretanto, passados alguns anos, os dois países, que juntos não possuem cinco por cento dos recursos do Brasil, se situam entre as principais potências mundiais.

■ Ben Abraham é jornalista e analista de assuntos internacionais